# Considerações gerais sobre a Filosofia da Mente - 01/06/2016

A Filosofia da Mente estuda a mente filosoficamente. O método filosófico, por  
um lado, é o método de questionamento, de investigação de um determinado  
assunto ou tema, por outro lado, é o método do método: o método de verificar  
como as ciências se comportam ao aferir determinado assunto, descrevendo-as ou  
determinando-as. Então, a Filosofia da Mente pode investigar se há uma mente,  
qual a sua natureza, qual a sua relação corpo (se houver), qual seu  
comportamento, etc. E filósofos investigam isso e propõe teorias. Mas, a  
Filosofia da Mente também pode investigar como as demais ciências estão  
estudando e teorizando a mente: a biologia, a psicologia, a neurociência, etc.  
  
A investigação filosófica é sempre histórica: a mente existe desde quando o  
homem é homem (assim imaginamos) e os questionamentos acerca dela também.  
Nesse sentido, a investigação filosófica é muito científica: eu posso inventar  
uma teoria da mente agora, mas que validade ela teria? Que influências?  
Entretanto, certo exercício filosófico pode ser permitido para avaliar as  
possibilidades, puro opinionismo que visa uma tese futura, embasada, com as  
fontes devidamente referenciadas, com os vieses bem claros e com as tendências  
exacerbadas. Daremos, então, uma breve visão geral descompromissada que sirva  
como parâmetro do estágio atual que me é permitido compreendê-la até agora.  
  
Partiremos da nossa definição de mente como um substrato imaterial que  
acompanha nossa atividade física corporal e cerebral. Nesse sentido, não somos  
materialistas, ou seja, a mente não se resume à matéria, ela é um algo mais.  
Não queremos aproximá-la do conceito de alma como algo que era, foi e sempre  
será independente do corpo. Acreditamos em algum tipo de ligação corpo-mente.  
Nesse sentido, não somos espiritualistas, ou seja, a mente não se confunde com  
a alma e, se o corpo falece, a mente não permanece (alguém já viu alguma mente  
por aí?). Também não somos comportamentalistas ou funcionalistas, não queremos  
explorar a mente através de uma conceituação lógica, ou seja, não queremos  
explicar os estados e comportamentos da mente. Nesse sentido, nos afastamos de  
uma mera psicologia.  
  
A mente, então, é algo de tamanho muito pequeno, algo como um efeito do corpo  
e suas sensações e da memória, do intelecto e uma suposta racionalidade. A  
mente é o lugar onde os sentimentos florescem, para onde as emoções convergem,  
a mente é uma foto instantânea de algo que nos representa nesse momento. Ela  
aparece e só sabemos dela porque refletimos. Tudo fica no corpo, é o corpo  
físico e material que sente, que armazena conhecimento, que guarda mágoas,  
enfim. Seu único papel [da mente] é nos dizer que somos seres humanos  
racionais e que em cada momento existe algo acontecendo conosco, uma  
evanescência. Mas a mente sempre está atrasada, ela está sempre depois de algo  
que se realizou. Não postulamos nenhum tipo de autonomia da mente, da nossa  
racionalidade sobre as nossas ações no mundo. Há, sim, uma vontade que é a  
conjunção de tudo que se passa no momento que decisões dela partem, e tudo é  
físico dentro e fora de nós. Tudo estocado em nós e nos outros, pelo corpo e  
no mundo. É o corpo quem decide, o corpo que come, o corpo que escreve, que  
chora, que mata. É o corpo em contato com suas sensações e com outros corpos.  
Mas, estamos falando de Filosofia da Mente ou Filosofia do Corpo?  
  
Falar da Filosofia do Corpo poderia ser considerado uma petição de princípio  
já que a Filosofia acenderia ou descenderia da racionalidade. Então, queremos  
trabalhar com uma filosofia da mente incorporada (Merleau-Ponty) e queremos  
entender o seu método, seus objetivos e limites. A filosofia da mente  
incorporada visa investigar como e porque se dão determinadas reações  
psíquicas em virtude de acontecimentos estritamente corporais. Seu método é  
propor qual o resíduo mental, qual efeito corporal oriundo de causas que devem  
ser explicadas em termos não lógicos, mas interpretativos. A filosofia da  
mente incorporada é a simbologia de nossa história de vida, de nossa história  
humana, de nossa história de mundo. A filosofia da mente incorporada deve  
somar toda influência mecânica ou mesmo quântica ou relacional que interprete,  
simbolicamente, o que se passa. Ela parte de casos particulares e avança para  
o geral. Mas o seu limite é o particular. A filosofia da mente incorporada é a  
nossa auto explicação e não requer validade objetiva, requer somente  
interpretação intersubjetiva.   
  
   
  
ps. Afinal, não há sempre uma explicação, justificativa ou causa para nossas  
ações? Porém, devemos explicar sentimentos como tristeza, dor, uma emoção, um  
choro e outras coisas mais.